Artigo Original

Zero-a-Seis 06

NARRATIVAS NEGRAS ILUSTRADAS: A FORÇA DAS IMAGENS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA INFÂNCIA EM *O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ*

Illustrated black narratives: the power of images in shaping black identity in childhood in *o mundo no Black Power de Tayó*

Crislayde Maria de SOUSA
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Teresina PI, Brasil
crislaydemdesousa@aluno.uespi.br
https://orcid.org/0000-0001-9752-1416

Diógenes Bueno Aires CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Teresina PI, Brasil
diogenesbuenos@ccm.uespi.br
https://orcid.org/0000-0002-1593-4952

RESUMO
O artigo analisa como as ilustrações da obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), de Kiusam de Oliveira, contribuem para a formação da identidade de crianças negras. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, investiga-se a articulação entre texto e imagem, com foco em elementos visuais afrocentrados e seus efeitos simbólicos na infância. O objetivo geral é analisar como as ilustrações da obra *O mundo no Black Power de Tayó* contribuem para a formação da identidade de crianças negras. Especificamente, busca-se: (a) identificar elementos visuais que valorizam uma estética afrocentrada; (b) compreender a articulação entre texto e imagem na construção de significados; e (c) refletir sobre os efeitos simbólicos dessas imagens na infância. O estudo fundamenta-se em autores como Munanga, bell hooks, Grada Kilomba, Nilma Lino Gomes, entre outros.
PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil afro-brasileira. Representação negra. Autoestima.

ABSTRACT
The article analyzes how the illustrations in the book *The World in Tayó's Black Power* (2013), by Kiusam de Oliveira, contribute to the development of self-esteem in Black children. Based on a qualitative and interpretative approach, the study investigates the interplay between text and image, with a focus on Afro-centered visual elements and their symbolic effects on children's subjectivity. The overall objective is to analyze how the illustrations in O mundo no Black Power de Tayó contribute to the development of Black children's identity. Specifically, the study aims to: (a) identify visual elements that highlight an Afrocentric aesthetic; (b) understand the relationship between text and image in the construction of meaning; and (c) reflect on the symbolic impact of these images on children's subjectivity. The research is grounded in the works of authors such as Kabengele Munanga, bell hooks, Grada Kilomba, Nilma Lino Gomes, among others.
KEYWORDS: Afro-Brazilian Children's Literature. Black Representation. Self-Esteem.

INTRODUÇÃO

A infância é um período decisivo na formação da identidade e da autoestima, sendo marcada por experiências simbólicas que moldam o modo como as crianças se veem e compreendem o mundo ao seu redor. Nesse processo, a literatura infantil exerce um papel fundamental, especialmente quando oferece narrativas que espelham, valorizam e reconhecem a diversidade étnico-racial presente na sociedade. No entanto, a produção literária voltada às crianças, por muito tempo, negligenciou a representação positiva de personagens negras, perpetuando estereótipos ou simplesmente invisibilizando esses sujeitos. Tal ausência de imagens afirmativas contribui para a construção de uma autoimagem fragilizada por parte das crianças negras, afetando diretamente sua autoestima e seu sentimento de pertencimento.

Diante desse contexto, ganha força a literatura infantil afro-brasileira, que busca reafirmar narrativas, estéticas e valores ancestrais, promovendo o reconhecimento da identidade negra desde os primeiros anos de vida. No interior dessas produções, as ilustrações assumem um papel de destaque, não apenas como complemento visual, mas como linguagem que comunica significados, sentimentos e representações. Obras como *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), de Kiusam de Oliveira e ilustrada por Taisa Borges, propõem um olhar afrocentrado sobre a infância negra, revelando, por meio das imagens, possibilidades de resistência, beleza e afirmação.

O objetivo geral deste artigo é analisar como as ilustrações da obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013) contribuem para a formação da identidade de crianças negras. Como objetivos específicos, busca-se: (a) identificar elementos visuais que valorizam a estética afrocentrada e a identidade negra; (b) compreender como a imagem dialoga com o texto na construção de significados; e (c) refletir sobre os impactos simbólicos dessas representações na infância.

A escolha da obra justifica-se por seu valor estético, político e educativo, sendo uma das referências contemporâneas mais expressivas da literatura infantil afro-brasileira. Ao investigar o poder das imagens na formação de identidades, este artigo pretende colaborar com a valorização de práticas pedagógicas e literárias comprometidas com a equidade racial e com o direito das crianças negras de se reconhecerem como belas, potentes e protagonistas de suas próprias histórias.

Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, com o objetivo de compreender os sentidos produzidos pelas narrativas visuais na literatura infantil afro-brasileira, especialmente no que se

refere à representação da infância negra, à construção da identidade e à valorização da autoestima. O objeto de análise é o livro *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), de Kiusam de Oliveira, com ilustrações de Taisa Borges, selecionado em razão do protagonismo de uma personagem negra, da valorização da estética afrocentrada e das possibilidades de reflexão sobre identidade, pertencimento e representatividade na infância.

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e documental, uma vez que articula a discussão teórica sobre literatura infantil, representação racial e linguagem visual à análise do próprio livro, considerado documento central da investigação. A abordagem qualitativa fundamenta-se na perspectiva de Minayo (2001), para quem esse tipo de pesquisa se dedica à compreensão de significados, valores, crenças e relações que não podem ser reduzidos à mensuração quantitativa. A dimensão interpretativa do estudo também dialoga com os pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (2011), mobilizados como referência para a organização e a interpretação do material analisado.

No desenvolvimento da pesquisa, as ilustrações foram examinadas a partir de uma leitura integral do livro, considerando-se tanto as imagens isoladamente quanto suas relações com o texto verbal e com a sequência narrativa. A seleção das imagens para análise ocorreu de maneira intencional, orientada pelos objetivos da investigação. Foram priorizadas as cenas que apresentam elementos significativos para a representação da personagem Tayó e para a construção de sentidos relacionados à identidade negra, à valorização dos cabelos crespos, à ancestralidade, ao pertencimento cultural e à autoestima. Dessa forma, o recorte analítico não se baseia em critérios quantitativos, mas na relevância das imagens para a compreensão do problema investigado.

Para orientar a leitura das ilustrações, foram estabelecidos os seguintes critérios de análise: a) elementos visuais e composição estética, considerando cores, traços, formas, enquadramentos e organização dos elementos na página; b) representação da personagem negra, com atenção aos cabelos, às características físicas, às expressões faciais, às vestimentas e à gestualidade; c) marcas culturais e referências afrocentradas, observando elementos visuais que possam remeter à ancestralidade, à diversidade cultural e à valorização da identidade negra; d) relação entre texto verbal e imagem, investigando como as duas linguagens se complementam, se ampliam ou produzem diferentes sentidos na narrativa; e) representações de identidade, pertencimento e autoestima, buscando compreender de que maneira as escolhas

visuais possibilitam interpretações relacionadas ao reconhecimento positivo da personagem negra.

A análise foi desenvolvida em quatro etapas articuladas. Na primeira, realizou-se a leitura integral do livro, com o objetivo de compreender a narrativa e identificar os principais elementos verbais e visuais. Na segunda, procedeu-se à seleção das imagens que apresentavam maior relação com os objetivos da pesquisa, considerando a recorrência e a relevância dos aspectos estéticos, culturais e identitários. Na terceira, as imagens selecionadas foram descritas e examinadas a partir dos critérios previamente estabelecidos, observando-se os elementos visíveis e sua articulação com o texto verbal. Na quarta, foram construídas interpretações dos sentidos produzidos pelas narrativas visuais, relacionando os aspectos identificados aos referenciais teóricos sobre representação negra, identidade, estética e formação da autoestima infantil.

A noção de narrativa visual é compreendida, neste estudo, como a produção de sentidos por meio das imagens e de sua organização ao longo do livro, considerando que os elementos visuais participam da construção da personagem, do desenvolvimento da narrativa e da experiência de leitura. Essa compreensão dialoga com Nikolajeva e Scott (2011), cujas contribuições permitem pensar as relações entre palavra e imagem nos livros ilustrados e reconhecer que essas linguagens podem estabelecer relações de complementaridade, ampliação e tensão na produção de significados. Assim, as ilustrações não são tratadas como elementos meramente decorativos, mas como componentes constitutivos da narrativa.

No que se refere aos procedimentos de análise visual, a pesquisa também dialoga com os estudos de Brait (2012), especialmente no que concerne à compreensão da dimensão verbo-visual dos enunciados, considerando a articulação entre diferentes materialidades na construção dos sentidos. A contribuição de Bardin (2011) orienta a organização do percurso analítico, a definição de categorias e a interpretação do material selecionado. Essas referências são mobilizadas de maneira complementar: enquanto a análise de conteúdo oferece subsídios para a sistematização do material, os estudos sobre verbo-visualidade e livros ilustrados contribuem para a compreensão das relações entre imagem e palavra.

A fundamentação teórica que sustenta a interpretação das representações negras articula-se às contribuições de bell hooks (2019), no debate sobre representação, identidade e valorização das experiências negras; Grada Kilomba (2019), na reflexão sobre subjetividade, racismo e resistência; Kabengele Munanga (2004), nas discussões sobre identidade negra, raça e racismo; e Nilma Lino Gomes (2017), especialmente no

que se refere à valorização da estética negra e às relações entre identidade, cultura e educação. Esses intelectuais compõem o referencial teórico utilizado para interpretar os sentidos sociais, culturais e simbólicos que podem ser associados às representações visuais presentes no livro.

Por fim, ressalta-se que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, exploratória e interpretativa centrada na análise de um livro, os resultados não pretendem comprovar efeitos diretos das ilustrações sobre a autoestima de crianças reais. Busca-se, antes, compreender como os elementos visuais e sua articulação com o texto verbal podem produzir sentidos de valorização, reconhecimento e pertencimento relacionados à infância negra. Desse modo, a análise procura evidenciar as potencialidades estéticas, simbólicas e educativas da narrativa visual de *O mundo no Black Power de Tayó*, considerando sua contribuição para reflexões sobre a representação positiva de crianças negras e para práticas de leitura comprometidas com a educação antirracista.

REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NEGRA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

A literatura infantil brasileira, desde suas origens, esteve comprometida com a formação moral e cultural da infância, seguindo majoritariamente padrões eurocêntricos que idealizavam modelos de beleza, comportamento e identidade distantes da realidade da maioria da população brasileira. Durante décadas, as obras destinadas às crianças ignoraram ou distorceram a presença de personagens negras, limitando-as a papéis secundários, estereotipados ou subalternizados. Essa representação excludente, como destaca Nilma Lino Gomes (2017), reforça um processo de negação da identidade negra e impacta diretamente a construção da autoestima das crianças.

> Subverter e desajustar o que há séculos está posto como sendo o único farol ou enquadramento confiável para todos os processos investigativos. Portanto, lançar mão dos cânones representantes da Colonialidade do Poder e do saber, é aproximar os oprimidos dos ditames impostos pela estrutura do patriarcado racista colonial (Gomes, 2017 p. 18).

Gomes (2017) convida à reflexão crítica sobre os alicerces epistemológicos que sustentam a exclusão e a marginalização de saberes e sujeitos historicamente oprimidos. Quando ela afirma a necessidade de "subverter e desajustar o que há séculos está posto como sendo o único farol ou enquadramento confiável para todos os processos investigativos", está denunciando a centralidade do pensamento

eurocêntrico, colonial e patriarcal na produção de conhecimento, inclusive no campo da literatura e da educação.

No contexto da literatura infantil afro-brasileira, essa análise ganha ainda mais força. Durante décadas, à luz das reflexões de Kabengele Munanga (2004), a literatura para crianças contribuiu para a reprodução de uma imagem negativa ou apagada da população negra, restringindo personagens negros a papéis periféricos, estereotipados ou servis. Esse silenciamento simbólico não é neutro: ele é expressão concreta da colonialidade do saber, conceito que, conforme o autor, precisa ser desestabilizado.

O autor propõe que recorrer aos "cânones representantes da Colonialidade do Poder e do Saber" não é um ato de neutralidade ou apenas de erudição, mas sim uma forma de submissão aos padrões hegemônicos que mantêm os oprimidos sob domínio ideológico. No caso da infância negra, isso se traduz na oferta limitada de representações positivas e na ausência de espelhamentos que reforcem a identidade, o pertencimento e a autoestima.

Ademais, bell hooks (2019) enfatiza que a ausência de imagens positivas que representem sujeitos negros contribui para a internalização da inferioridade, comprometendo o desenvolvimento da subjetividade e das relações de pertencimento desde a infância. Para ela, o "olhar do outro" tem papel determinante na construção da identidade, e é por meio da representação simbólica que as crianças aprendem a se enxergar no mundo. Quando a literatura não oferece espelhos que reflitam suas experiências, essas crianças crescem sentindo-se invisíveis ou deslocadas.

Além disso, Kabengele Munanga (2004) reforça que a negação da diversidade étnico-racial nas práticas educacionais e culturais é parte de um processo histórico de marginalização da população negra no Brasil. Ele argumenta que o racismo se manifesta também no campo simbólico, por meio da ausência de narrativas que valorizem a herança africana, os saberes tradicionais e a estética negra.

A partir dos anos 2000, com o fortalecimento das políticas de ação afirmativa, da Lei 10.639/2003 e da mobilização de autores e editoras comprometidos com a diversidade, observa-se um movimento de valorização das infâncias negras na literatura. Escritoras como Kiusam de Oliveira e ilustradoras como Taisa Borges passaram a ocupar espaços antes restritos, trazendo novas possibilidades de representação e de identificação para crianças negras. Essa mudança é fundamental para garantir o direito à leitura de si e do mundo de forma digna, plural e afirmativa.

A estética afrocentrada nas ilustrações: expressões visuais da identidade negra

A construção de uma estética afrocentrada na literatura infantil tem desempenhado um papel essencial na valorização das identidades negras desde a infância. A presença de imagens que celebram traços, culturas e símbolos da ancestralidade africana representa uma forma potente de resistência às imposições eurocêntricas que, historicamente, invisibilizaram corpos e narrativas negras.

A educadora e pensadora Nilma Lino Gomes aponta que o racismo no Brasil assume características peculiares, uma vez que se mantém justamente por meio da negação de sua própria existência. Conforme destaca Gomes (2012, p. 46):

> há uma contradição estrutural nesse processo, pois, ao mesmo tempo em que a sociedade brasileira tende a rejeitar a ideia de que exista preconceito racial, diversas pesquisas comprovam que a população negra continua sendo alvo de discriminação e enfrenta desigualdades significativas em relação a outros grupos étnico-raciais, as imagens, quando bem representadas, tornam-se ferramentas de reconhecimento e valorização de si e do outro.

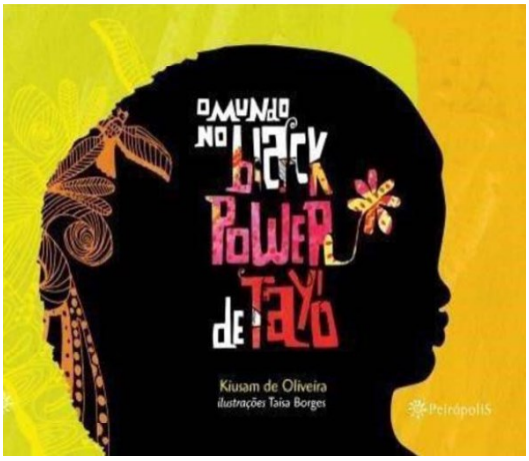
Nilma Lino Gomes evidencia que o racismo no Brasil se manifesta de forma contraditória e sutil, sustentando-se justamente pela negação de sua existência. A sociedade brasileira, historicamente, se recusa a reconhecer o preconceito racial como um problema estrutural, perpetuando a falsa ideia de uma convivência harmônica entre os diferentes grupos étnico-raciais. Essa discussão também encontra respaldo em pesquisas que evidenciam a persistência das desigualdades raciais no país. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), na publicação *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*, apresenta indicadores que demonstram desvantagens da população preta e parda em diferentes dimensões da vida social, incluindo educação, mercado de trabalho, rendimento e violência. De modo semelhante, os estudos reunidos pelo IBGE (2019) apontam desigualdades no acesso a oportunidades profissionais e na distribuição de renda. Esses dados permitem compreender que a negação do racismo não elimina suas manifestações concretas, mas pode contribuir para a invisibilização das desigualdades históricas que afetam a população negra.

Nesse contexto, a autora destaca a importância das imagens e representações simbólicas na construção da identidade. Quando bem elaboradas, essas imagens atuam como ferramentas poderosas de reconhecimento e valorização, tanto individual quanto coletiva. Ao oferecer modelos positivos de pessoas negras, especialmente para crianças e jovens, contribuem para o fortalecimento da autoestima, o senso de pertencimento e

a desconstrução de estereótipos historicamente impostos. Assim, o enfrentamento ao racismo também passa pelo campo simbólico, onde a visibilidade positiva é fundamental para a construção de identidades negras mais livres e afirmativas.

No contexto da literatura infantil ilustrada, a estética afrocentrada não se resume à presença de personagens negras, mas está relacionada a uma construção visual que enaltece traços fenotípicos, estilos de cabelo, vestuário e elementos culturais ligados à matriz africana. Essa escolha estética é intencional e carrega uma dimensão política e pedagógica: ela dialoga com o imaginário da criança negra e promove o letramento racial, como discute Gomes (2017).

Figura 01 - Capa - *O Mundo no Black Power de Tayó*.



Fonte: Oliveira (2013).

A capa da obra *O mundo no Black Power de Tayó* se apresenta como uma síntese visual potente de afirmação da identidade negra infantil. A ilustração, assinada por Taisa Borges, exibe a silhueta lateral do rosto de uma menina negra, com o cabelo em black power compondo a maior parte da imagem. O cabelo, nesse contexto, não é apenas um traço estético: ele é um espaço simbólico de resistência, memória e ancestralidade, como destacam Gomes (2017) e bell hooks (2020), ao abordarem o corpo negro como campo de disputa e afirmação.

O black power de Tayó ocupa centralidade visual e é artisticamente preenchido com grafismos, texturas e formas que remetem à estética africana, como espirais, linhas orgânicas e motivos geométricos estilizados, compondo um mosaico visual que carrega uma herança cultural rica e plural. Esses elementos reforçam a valorização de uma estética afrocentrada, que promove nas crianças negras um reconhecimento positivo de sua imagem e origem.

Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 28, p. 01-23, jan./dez., 2026. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: https://doi.org/10.5007/1980-4512.2026.e107933

A paleta de cores vibrantes, que mescla tons quentes como amarelo, laranja e vermelho com o contraste do preto, comunica força, energia e vitalidade. O uso da silhueta preta em destaque remete à valorização da cor da pele negra, que por séculos foi retratada de maneira estigmatizada ou mesmo invisibilizada na literatura e nas artes visuais. Aqui, o preto é sinônimo de centralidade, beleza e orgulho racial.

Outro aspecto significativo é a composição tipográfica do título. As palavras "Black Power" são dispostas com letras de diferentes tamanhos, formas e cores, remetendo a uma colagem multicultural que celebra a diversidade. Isso comunica, visualmente, a multiplicidade de vivências e subjetividades negras. A flor estilizada ao lado da cabeça de Tayó pode ser interpretada como um símbolo de delicadeza, feminilidade e ancestralidade, elementos que se contrapõem aos estereótipos de força bruta e ausência de afeto frequentemente atribuídos às mulheres negras.

Por fim, o fundo colorido, com traços sutis de folhas e texturas orgânicas, remete à natureza, à origem africana e ao pertencimento comunitário. Essa ambientação reforça a ideia de enraizamento cultural e respeito às origens. Como destaca Kabengele Munanga (2004), reconhecer a história e os símbolos da ancestralidade africana é fundamental para o fortalecimento da identidade negra no Brasil.

Portanto, a capa não é meramente decorativa: ela sintetiza visualmente os valores e propósitos da obra, funcionando como um primeiro contato estético e ideológico com o universo de Tayó. A imagem, nesse sentido, atua como um convite à resistência, ao orgulho e à valorização da negritude desde a infância.

Uso de cores, texturas e ambientações que remetem à ancestralidade e ao orgulho racial

Na obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), o uso das cores, das texturas e das ambientações visuais atua como elemento fundamental para a construção de uma estética afrocentrada, que reafirma a ancestralidade e o orgulho racial da personagem e, por extensão, de seu público leitor. As ilustrações de Taisa Borges transcendem o plano decorativo para se tornarem narrativas visuais carregadas de simbolismo e identidade, contribuindo para uma experiência estética e afetiva profundamente enraizada na cultura afro-brasileira.

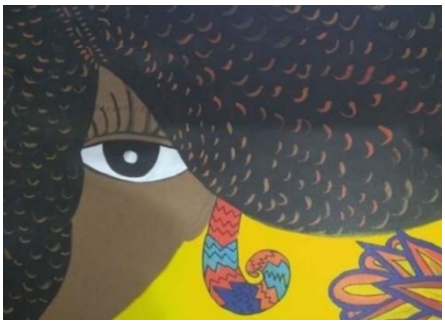
As cores utilizadas ao longo da obra são quentes, vibrantes e contrastantes. Amarelos, vermelhos, laranjas, verdes e marrons predominam, evocando elementos da natureza e dos tecidos africanos, como o kente e o adinkra. Essas paletas cromáticas

não apenas encantam, mas resgatam visualmente heranças culturais, como observa bell hooks (2020), ao defender que a arte negra é um lugar de memória e resistência. O fundo das páginas e os padrões gráficos remetem à estética de origem africana, propondo um imaginário visual que foge dos padrões eurocêntricos historicamente predominantes na literatura infantil.

As texturas presentes nas ilustrações, sejam elas simuladas por traços ondulados, linhas orgânicas ou sobreposições de formas, dialogam com as noções de corporeidade, feminilidade e espiritualidade. Esses recursos visuais convocam o leitor infantil a um envolvimento sensorial e afetivo com a cultura negra, transformando a leitura em um processo de reconhecimento simbólico e estético de si e do outro.

Por fim, as ambientações da obra, compostas por elementos naturais, máscaras tribais, flores estilizadas e representações da família e da coletividade, ancoram a narrativa num espaço-tempo que valoriza o pertencimento étnico. A memória da ancestralidade, a ligação com os mais velhos e a afirmação da beleza negra aparecem não apenas no discurso verbal, mas se tornam visíveis e tangíveis por meio da composição visual. Assim, a obra se configura como um potente instrumento de construção de subjetividades negras afirmativas desde a infância.

Figura 02 – Os olhos da personagem Tayó.



Fonte: Oliveira (2013, p. 10).

A ilustração apresentada, que mostra um close do olhar de Tayó, personagem central da obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), é uma síntese poderosa de identidade, ancestralidade e afirmação racial. A construção imagética reforça valores estéticos afrocentrados e dialoga diretamente com os afetos e com a subjetividade da criança negra leitora.

O olhar de Tayó, grande e expressivo, ocupa posição central na imagem, simbolizando a vigilância, a consciência e a autoafirmação. É um olhar que enxerga o mundo com orgulho e dignidade, uma metáfora visual da resistência e da subjetividade negra. A pele em tom castanho-escuro, retratada com delicadeza e respeito, rompe

com estereótipos historicamente perpetuados na literatura infantil, oferecendo à criança negra uma imagem positiva de si.

Os cabelos de Tayó, em estilo Black Power, ocupam grande parte da ilustração, com textura minuciosamente representada por curvas, traços ondulados e espirais que evocam os fios crespos em sua beleza natural. Esses detalhes, além de exaltarem o cabelo como coroa simbólica, conectam-se à tradição estética africana, que sempre reconheceu o cabelo como expressão de identidade, conforme argumenta Gomes (2017) ao destacar o papel político dos cabelos na cultura afro-brasileira.

As cores vibrantes de fundo, especialmente o amarelo intenso, criam uma atmosfera de luz, calor e energia vital. Esse uso cromático sugere não apenas alegria e potência, mas também remete ao ouro, ao sol e à riqueza simbólica da cultura africana. Os adornos coloridos como o brinco em espiral com padrões geométricos resgatam elementos dos tecidos africanos tradicionais, como o kente e o bogolan, simbolizando herança cultural, ancestralidade e pertencimento.

Essa imagem, embora aparentemente simples, comunica de forma profunda a valorização da identidade negra, especialmente ao ser direcionada às crianças. Ao oferecer uma representação rica, digna e afetuosa de uma menina negra, a obra cumpre um papel essencial na formação da autoestima das crianças, promovendo um imaginário visual que celebra a diversidade e combate os efeitos psicológicos da invisibilização.

A representação positiva da personagem Tayó como modelo de identidade negra afirmativa

A personagem Tayó, protagonista da obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), configura-se como um marco na literatura infantil afro-brasileira contemporânea ao ser retratada com orgulho, beleza e resistência. Diferentemente de tantas outras representações historicamente marcadas por estigmas ou ausências, Tayó é apresentada como uma menina negra que conhece suas origens, valoriza sua aparência e enfrenta, com coragem e sabedoria, as violências simbólicas do racismo.

Tayó não se curva ao preconceito. Seu nome, que significa "da alegria" em iorubá, carrega consigo a força ancestral de um povo que resiste e celebra a vida, mesmo diante das adversidades. A protagonista se posiciona diante das ofensas com a firmeza de quem compreende que sua identidade é motivo de orgulho, e não de vergonha. Ao afirmar que seu cabelo é um lugar de memória e pertencimento, e não um problema a

ser resolvido, Tayó ensina às crianças negras que elas não precisam se ajustar a padrões que as negam.

Essa representação é profundamente significativa, pois vai além da estética: Tayó é um modelo de identidade afirmativa porque se reconhece na própria cultura, orgulha-se da sua aparência e inspira outras crianças a fazerem o mesmo. Ao contrário da figura da criança negra vista apenas como coadjuvante ou em papéis estereotipados, ela protagoniza sua própria história e toma decisões que reafirmam sua dignidade.

De acordo com Munanga (2005), a valorização da identidade negra passa necessariamente pela desconstrução dos estigmas impostos historicamente e pela construção de novas imagens que promovam o reconhecimento positivo da negritude. Nesse sentido, Tayó representa essa nova narrativa: uma menina que tem voz, tem história e tem consciência de sua beleza e ancestralidade.

Sua presença nas páginas do livro, nas palavras e nas ilustrações, oferece à criança leitora um espelho simbólico que a acolhe, a reconhece e a fortalece. Trata-se de uma literatura que educa para a equidade, que toca o emocional e o político, e que colabora ativamente na formação de subjetividades mais autônomas e empoderadas.

Figura 03 – O nariz da personagem Tayó.



Fonte: Oliveira (2013, p. 13).

A imagem apresentada, que foca no rosto da personagem Tayó com ênfase no nariz e nos olhos fechados, carrega uma expressiva carga simbólica relacionada à valorização dos traços afrodescendentes. O destaque para o nariz largo, com contorno dourado, é um elemento visual de profunda potência política e estética. Em uma sociedade marcada por padrões eurocêntricos de beleza, em que traços como nariz fino, pele clara e cabelos lisos ainda são amplamente valorizados, esta imagem propõe uma inversão simbólica: o que antes era visto como motivo de exclusão passa a ser afirmado como sinal de identidade, beleza e orgulho racial.

Os olhos de Tayó, suavemente cerrados, aparecem em um gesto de introspecção, tranquilidade e autoaceitação. Seus traços são representados com dignidade e

destaque. A textura do cabelo crespo, o contorno forte das sobrancelhas e o nariz largo em tom dourado não são ocultados nem suavizados; ao contrário, são celebrados. O uso da cor dourada para destacar o nariz não é aleatório: o dourado é uma cor associada à nobreza, à realeza e à ancestralidade africana. Assim, a ilustração inscreve o corpo negro em um lugar de valor, de beleza e de memória, contribuindo para o empoderamento simbólico das crianças negras que leem a obra.

Esse gesto visual dialoga com o texto anteriormente apresentado, no qual se afirma que Tayó é um modelo de identidade afirmativa porque reconhece e valoriza sua aparência. A imagem reforça essa representação textual, oferecendo uma contranarrativa às imposições racistas que historicamente negaram beleza aos corpos negros. Ao ver sua imagem refletida de forma tão respeitosa e enaltecida, a criança leitora negra tem a possibilidade de se ver com orgulho, desenvolver autoestima e construir uma identidade positiva e fortalecida.

Além disso, a expressão calma da personagem, com os olhos fechados, pode ser interpretada como um sinal de paz interior, de conexão com sua ancestralidade e de resistência serena, mas firme. Não é uma imagem de enfrentamento violento, mas de quem já compreendeu seu valor e não necessita mais da validação alheia para existir com plenitude.

Portanto, a imagem analisada não apenas complementa o texto narrativo de Kiusam de Oliveira, mas também atua como um dispositivo pedagógico e afetivo que ensina, emociona e fortalece. Trata-se de uma estética da resistência e do afeto, em que o corpo negro é retratado com beleza, respeito e dignidade.

2 DIÁLOGO ENTRE IMAGEM E TEXTO: MÚLTIPLAS CAMADAS DE SIGNIFICAÇÃO

Na literatura infantil contemporânea, especialmente nas obras comprometidas com a valorização de identidades historicamente marginalizadas, a articulação entre imagem e texto transcende a função meramente ilustrativa para se configurar como instância narrativa autônoma e complementar. Em *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), essa relação se materializa de forma simbiótica e rica em significados, revelando múltiplas camadas de leitura e sentidos que contribuem para a formação estética, ética e identitária das crianças leitoras.

A imagem, nesse contexto, não apenas reforça o conteúdo verbal, mas o amplia e, por vezes, o tensiona, convidando à leitura visual crítica e sensível. Retorna-se a Nikolajeva e Scott (2001): segundo os autores, na literatura ilustrada, texto e imagem

interagem em diferentes graus de dependência e independência, podendo coexistir em relações que variam entre simetria, complementação e contraponto. Em Tayó, esse diálogo se manifesta de modo complementar e afirmativo: enquanto o texto verbal narra a história de uma menina negra orgulhosa de seu cabelo e de sua identidade, as ilustrações oferecem elementos visuais que evocam ancestralidade, beleza e resistência, contribuindo para a constituição de uma narrativa visual que dialoga com as culturas afro-brasileiras.

As ilustrações de Borges conferem textura e profundidade ao universo de Tayó por meio do uso expressivo de cores vibrantes, padrões geométricos que remetem à arte africana e expressões faciais detalhadas que capturam emoções como orgulho, ternura e determinação. Essa visualidade enraizada em elementos da estética negra fortalece, de maneira sensível, a mensagem do texto verbal e cria um ambiente imersivo que permite à criança leitora reconhecer e valorizar as múltiplas possibilidades de ser e existir com dignidade e beleza.

Além disso, como aponta Souza (2011), a literatura infantil que incorpora signos da cultura afrodescendente contribui significativamente para o letramento racial, promovendo experiências positivas de identificação para crianças negras e processos de reconhecimento e respeito para crianças não negras. Assim, o diálogo entre texto e imagem em *O mundo no Black Power de Tayó* (2013) opera como uma estratégia pedagógica e estética fundamental na construção de subjetividades antirracistas desde a infância.

Em suma, a interdependência entre linguagem verbal e visual na obra de Oliveira não apenas enriquece a experiência literária, mas também possibilita leituras plurais e multicamadas que dialogam com o emocional, o social e o político. Ao unir palavra e imagem de forma indissociável, a narrativa se torna um espaço potente de significação, no qual o simbólico e o sensível se entrelaçam na formação de identidades afirmativas e na valorização da cultura afro-brasileira.

Como a ilustração complementa, reforça ou amplia o sentido do texto escrito

Na literatura infantil contemporânea, a imagem não ocupa um lugar secundário. Ao contrário, constitui-se como um elemento narrativo essencial, que interage com o texto verbal de modo a enriquecer, ampliar e, muitas vezes, ressignificar a mensagem da obra. Essa integração é especialmente significativa em narrativas que se propõem a trabalhar com questões de identidade, pertencimento e representatividade, como ocorre em *O mundo no Black Power de Tayó* (2013).

A narrativa visual contribui para a construção do enredo não apenas ilustrando o que está sendo dito, mas também oferecendo camadas adicionais de sentido. Como destacam Ramos e Naves (2012), o livro ilustrado (ou álbum) "é uma obra em que texto e imagem dialogam em pé de igualdade, sendo a compreensão plena do enredo dependente dessa articulação entre linguagens" (Ramos; Naves, 2012 p. 52). Em *Tayó*, esse diálogo é estabelecido, de forma sensível e poderosa, na qual as ilustrações não apenas acompanham o texto, mas expandem sua significação por meio de símbolos, cores, expressões e ambientações.

O uso intencional de elementos visuais, como as cores vibrantes e os padrões gráficos inspirados na estética africana, contribui para a valorização da cultura afro-brasileira. As expressões corporais e faciais de Tayó, o destaque dado ao seu cabelo em forma de Black Power e os elementos que remetem à ancestralidade africana reforçam o conteúdo textual e promovem uma leitura afetiva e identitária. Assim, a imagem atua como recurso de representação positiva e de valorização de características historicamente marginalizadas, como a textura do cabelo crespo, os traços faciais e a tonalidade da pele.

Além disso, conforme apontam Nikolajeva e Scott (2001), em ilustrações complexas, a imagem pode assumir um papel de contraponto ao texto, sugerindo interpretações alternativas ou ampliadas. No caso de *Tayó*, a visualidade não contradiz o texto, mas o aprofunda, oferecendo pistas emocionais e culturais que enriquecem a experiência da leitura. A imagem potencializa o alcance simbólico da palavra escrita, despertando a sensibilidade estética da criança e possibilitando identificações significativas com a protagonista.

Portanto, a linguagem visual, ao complementar e ampliar o texto escrito, torna-se fundamental para a constituição de uma literatura infantil que respeita a inteligência estética da criança e dialoga com sua experiência emocional e cultural. Essa integração entre linguagens permite uma leitura plural, sensível e politicamente situada, capaz de promover autoestima, pertencimento e consciência crítica desde a infância.

Figura 4 – A boca da personagem Tayó.



Fonte: Oliveira (2013, p. 15).

A imagem apresentada, na qual se destaca a boca da personagem Tayó em meio a elementos gráficos vibrantes e expressivos, é uma amostra potente de como a narrativa visual não apenas acompanha, mas expande e aprofunda o conteúdo escrito da obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013). A boca, elemento central desta ilustração, adquire protagonismo ao lado de uma criatura fabulosa e colorida, sugerindo expressividade, força comunicativa e presença afirmativa.

Visualmente, a boca de Tayó não é apenas uma parte anatômica: ela é emoldurada por formas curvas e cores intensas que evocam fantasia, criatividade e oralidade. Esse destaque simbólico da boca pode ser lido como uma metáfora para o direito à fala, à expressão e à existência da criança negra. Ao lado da criatura de olhos amarelos penetrantes, que remete a elementos da cultura afro-brasileira e do imaginário ancestral, a figura da boca reafirma que Tayó fala, nomeia e representa sua identidade com orgulho. A imagem, portanto, amplia o texto escrito ao explorar o poder simbólico da fala como instrumento de resistência, construção de subjetividade e agência social.

Como observam Nikolajeva e Scott (2001, p.21), em livros ilustrados, "[...] a imagem não apenas repete a palavra, mas frequentemente a expande e reinterpreta, oferecendo múltiplas camadas de leitura e sentido". Nesta cena, a ilustração reforça aspectos identitários que estão sendo verbalizados ao longo da narrativa, ao mesmo tempo em que introduz novos significados que dependem da leitura visual sensível do leitor. A boca de Tayó é representada não em neutralidade, mas em exuberância, destacando sua potência discursiva e sua capacidade de ocupar espaços com sua voz.

Além disso, a ambientação em tons de azul profundo, contrastados com os vermelhos e amarelos, sugere um universo onírico ou mitológico, um espaço simbólico que remete à ancestralidade e à força cultural da oralidade africana, tão fundamental nas culturas de matriz afrodescendente. Desse modo, a imagem complementa e

enriquece o texto ao criar pontes entre o real e o imaginário, entre o individual e o coletivo, entre a infância negra e o legado cultural que a sustenta.

Em suma, a imagem da boca de Tayó exemplifica como a ilustração, ao trabalhar com símbolos, cores e formas, é capaz de ampliar significativamente a força do texto, tornando-se não apenas uma extensão da narrativa, mas uma linguagem que dialoga com ela em profundidade, promovendo leituras sensíveis, plurais e politicamente significativas.

Figura 5 – O cabelo black power da personagem Tayó.



Fonte: Oliveira (2013 p. 16).

Nesta imagem da personagem Tayó, retirada da obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), a representação da infância negra, sentada e em silêncio, comunica muito além das palavras. Em meio a uma composição visual repleta de cores vivas, formas geométricas e símbolos que evocam a estética afro-brasileira, Tayó ocupa o centro da cena com um olhar sereno, porém atento, revelador de uma escuta sensível e de um mundo interior em construção.

O cabelo black power, em destaque visual absoluto, não é apenas um elemento estético, mas um marcador identitário potente. Como enfatiza bell hooks (2020), o corpo negro, historicamente silenciado ou estetizado sob perspectivas racistas, torna-se, na arte e na literatura antirracista, um espaço de resistência e enunciação. Aqui, o corpo de Tayó, por meio da imagem, comunica um sentimento de pertencimento e orgulho, mesmo diante de possíveis tensões sociais que a narrativa escrita sugere, como a discriminação racial vivida por ela em espaços públicos e escolares.

A forma como Tayó se senta, com os braços cruzados sobre os joelhos e o corpo levemente inclinado, pode indicar um momento de introspecção ou de conflito emocional. No entanto, ao contrário de uma postura submissa, sua expressão facial e

o domínio do espaço visual indicam poder e autonomia. A criança se coloca no centro do próprio mundo, em diálogo com a natureza ao fundo, com elementos florais e gráficos que evocam vitalidade, ancestralidade e liberdade criativa.

Essa linguagem corporal, associada ao ambiente imagético que a rodeia, reforça a dimensão afetiva da narrativa: Tayó não é apenas uma personagem, mas um sujeito completo com sentimentos, pensamentos e memórias. Como defende Lajolo:

> O livro ilustrado de qualidade constrói um entrelaçamento entre texto e imagem que permite ao leitor experienciar a narrativa com camadas de sentido que extrapolam a linearidade do escrito. A imagem não apenas ilustra; ela afeta, tensiona, e dá corpo à experiência subjetiva do personagem (Lajolo, 1986, p. 32).

A reflexão apresentada por Lajolo contribui para a compreensão da dimensão estética e narrativa das imagens nos livros ilustrados, ressaltando sua participação na construção de sentidos e sua articulação com o texto verbal. A análise proposta ultrapassa a ideia tradicional de que a imagem serve apenas para complementar o texto escrito, como uma simples ilustração decorativa ou explicativa. Ao contrário, a autora destaca que, nesse tipo de obra, há um entrelaçamento profundo entre palavra e imagem, formando uma narrativa mais rica, sensível e multifacetada.

Quando a autora afirma que a imagem "não apenas ilustra", mas "afeta, tensiona e dá corpo à experiência subjetiva do personagem", ressalta o potencial da linguagem visual de dialogar ativamente com o texto verbal. A imagem pode provocar emoções, sugerir sentidos não ditos explicitamente pelas palavras, revelar contradições ou mesmo ampliar e transformar a compreensão do enredo. Essa relação não é redundante, mas dialógica: texto e imagem se complementam, contrapõem e ressignificam mutuamente.

Além disso, a ideia de que a narrativa construída extrapola a linearidade do escrito sugere que o leitor é convidado a explorar diferentes camadas de sentido, que envolvem a percepção estética, simbólica e emocional. Isso permite uma experiência de leitura mais sensorial e interpretativa, em que a subjetividade do leitor também entra em cena para preencher as lacunas entre texto e imagem.

Portanto, esse trecho sublinha a importância do livro ilustrado como uma forma de arte complexa, que vai muito além do conteúdo educativo ou lúdico. Ele valoriza o papel da imagem como um elemento autônomo e fundamental na construção de sentidos, especialmente na formação sensível e crítica dos leitores desde a infância.

Dessa forma, a ilustração funciona como uma extensão sensível do texto: ao representar a protagonista em sua individualidade e coletividade, fortalece a mensagem

de empoderamento racial e afetivo. Tayó, em sua presença silenciosa e ao mesmo tempo potente, simboliza uma infância negra que reconhece seu valor, sua beleza e sua história, e isso, por si só, é um gesto político e poético de resistência.

A FORÇA SIMBÓLICA DA IMAGEM NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA INFANTIL

A representação positiva de crianças negras na literatura infantil, especialmente por meio de imagens potentes, afetivas e identitárias, possui uma força simbólica profunda na constituição da autoestima e da subjetividade na infância. Quando uma criança negra se vê retratada como protagonista de sua própria história, com beleza, inteligência e dignidade, há um deslocamento importante na forma como ela passa a se perceber no mundo. Tal deslocamento é fundamental em um país como o Brasil, onde o racismo estrutural ainda nega às infâncias negras o direito ao pertencimento e à valorização de suas origens.

A imagem da personagem Tayó, com seus cabelos crespos em evidência, sua pele retinta e seu olhar firme, atua como uma resposta ao apagamento histórico da negritude na literatura e no imaginário social. Conforme ressalta bell hooks (2020), a representatividade é um ato político e amoroso**,** que rompe com os silêncios impostos pela branquitude hegemônica. A imagem, nesse sentido, não é neutra: ela comunica, ensina, emancipa.

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano* (2019, p.36), ao discutir os efeitos do racismo nos processos de subjetivação, argumenta que "não é possível ser, sem antes se ver". Isso significa que, para uma criança negra desenvolver uma identidade positiva e autônoma, ela precisa se reconhecer em imagens que a valorizem e não que a inferiorizem, como infelizmente ainda é comum em muitos produtos midiáticos e escolares. É nesse contexto que emerge o conceito de *espelhamento*, amplamente discutido por Gomes (2005), que afirma que as crianças negras necessitam de referências simbólicas que afirmem suas raízes, suas culturas e seus corpos como belos, potentes e legítimos.

As imagens presentes em obras como *O mundo no Black Power de Tayó* (2013) desempenham, portanto, uma função pedagógica e social de grande alcance. Ao apresentar uma protagonista negra com orgulho de sua ancestralidade, a narrativa visual educa afetivamente, contribuindo para que outras crianças negras possam se olhar com mais amor, menos culpa e maior consciência de sua trajetória. Ao mesmo

tempo, essas imagens também educam as crianças não negras, ao romperem com os estigmas e oferecerem novas possibilidades de convivência com a diversidade.

Em suma, a literatura infantil ilustrada, quando comprometida com a valorização das identidades negras, atua como um instrumento de resistência, cura e transformação. Ela possibilita que o espelho deixado pelas imagens seja um reflexo digno, cheio de beleza e sentido, algo vital para a formação de subjetividades saudáveis e antirracistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou refletir sobre o papel da narrativa visual na literatura infantil afro-brasileira, tomando como referência a obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013)**,** de Kiusam de Oliveira, para analisar como a representação positiva da protagonista negra contribui para a construção de identidades afirmativas na infância. Ao longo do texto, foi possível demonstrar que as imagens presentes no livro não apenas acompanham o texto escrito, mas o ampliam, ressignificam e comunicam múltiplas camadas de sentidos, especialmente no que diz respeito à valorização da estética negra, à afirmação do corpo negro e à produção de afetos ligados ao pertencimento e à autoestima.

Por meio das análises realizadas, destacou-se o conceito de *espelhamento* (Gomes, 2005), compreendido como essencial para que crianças negras desenvolvam uma imagem positiva de si mesmas. A literatura infantil, quando comprometida com a valorização da diversidade étnico-racial, desempenha uma função social e pedagógica de extrema relevância, ao oferecer às infâncias negras possibilidades de se verem como protagonistas, belas, inteligentes e potentes, rompendo com o silenciamento histórico imposto pelo racismo estrutural.

Além disso, ao considerar as ideias de autoras como bell hooks (1995) e Grada Kilomba (2019), evidenciou-se como a representatividade imagética tem impacto direto na subjetividade das crianças, criando condições para que experiências de empoderamento, autocuidado e resistência sejam internalizadas desde cedo. A imagem da personagem Tayó, com seus traços valorizados e sua postura firme diante das tentativas de opressão, emerge como símbolo de força, orgulho e ancestralidade.

Assim, as ilustrações na obra analisada não devem ser compreendidas como meros complementos estéticos do texto verbal, mas como agentes discursivos e políticos que constroem sentidos, emocionam e educam. A literatura infantil afro-

Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 28, p. 01-23, jan./dez., 2026. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: https://doi.org/10.5007/1980-4512.2026.e107933

brasileira, nesse sentido, constitui um importante instrumento de luta antirracista e de afirmação de subjetividades historicamente marginalizadas.

Por fim, espera-se que este artigo contribua para os estudos sobre literatura, identidade e infância e reforce a necessidade de ampliar o espaço de obras que, como a de Kiusam de Oliveira, promovem o reconhecimento e o respeito à diversidade étnico-racial na formação leitora. Que cada criança, ao se deparar com essas imagens, possa encontrar nelas um espelho capaz de refletir orgulho, beleza e potência.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: publicação oficial do IBGE. Acesso em: 19 out. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: dados e indicadores do IBGE Acesso: em 19 out. 2026.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. 2. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

LAJOLO, Marisa. **Uso e abusos da literatura na escola**. 2. Ed. São Paulo: Mercado Aberto, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói: EDUFF, 2004.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **How picturebooks work**. New York: Garland Publishing, 2001.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no Black Power de Tayó**. Ilustração de Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2013.

RAMOS, Graça; NAVES, Silva. **Imagem e texto**: mediações na literatura infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SCOTT, Carole; NIKOLAJEVA, Maria. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

NARRATIVAS NEGRAS ILUSTRADAS: A FORÇA DAS IMAGENS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA INFÂNCIA EM O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ

Illustrated Black Narratives: the power of images in shaping black identity in childhood in o mundo no Black Power de Tayó

Crislayde Maria de Sousa
Mestre em Letras
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Programa de Pós-Graduação em Letras
Teresina PI, Brasil
crislaydemdesousa@aluno.uespi.br
https://orcid.org/0000-0001-9752-1416

Diógenes Buenos Aires de Carvalho
Doutor em Letras
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Programa de Pós-Graduação em Letras
Teresina PI, Brasil
diogenesbuenos@ccm.uespi.br
https://orcid.org/0000-0002-1593-4952

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR
Rua Joaquim Cesário de Sousa, 775, CEP 64.690-000, Fronteiras, PI, Brasil.

AGRADECIMENTOS
A realização deste artigo foi possível graças à colaboração e ao apoio de diversas pessoas e instituições, às quais manifesto minha profunda gratidão. Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador Diógenes Buenos Aires de Carvalho, pela escuta atenta, pelas contribuições críticas e pela orientação generosa ao longo deste trabalho. Aos autores e autoras negras e aos ilustradores que constroem narrativas potentes de representatividade, em especial a Kiusam de Oliveira e Taisa Borges, por ofertarem à literatura infantil obras que valorizam a autoestima, a ancestralidade e o orgulho racial. Agradeço também aos teóricos cujas obras fundamentaram esta pesquisa e foram essenciais para a construção das análises e reflexões aqui desenvolvidas. Entre eles, destaco as contribuições de bell hooks, Nilma Lino Gomes, Cuti, Kabengele Munanga e Grada Kilomba, entre outros cujos pensamentos abriram caminhos para uma compreensão mais profunda das questões raciais, da construção identitária e da importância da representatividade na infância. Dedico este trabalho a todas as crianças negras, para que se vejam, se reconheçam e se fortaleçam por meio de narrativas que celebrem sua beleza, suas raízes e sua história.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA
Concepção e elaboração do manuscrito: C.M. Sousa, D. B. A Carvalho
Coleta de dados: C.M. Sousa, D. B. A Carvalho
Análise de dados: C.M. Sousa, D. B. A Carvalho
Discussão dos resultados: C.M. Sousa
Revisão e aprovação: D. B. A Carvalho

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO
Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM
Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES
Não se aplica.

LICENÇA DE USO
Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER
Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES
Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO
Recebido em: 14-07-2025 – Aprovado em: 18-10-2026 – Publicado em: 06-11-26